

Bis social: o cíclico retrato da desigualdade

Social *bis*: the cyclical portrait of inequality

Beto MONTEIRO *

Resumo: Ensaio visual que questiona as recentes ações políticas, frente ao atual contexto social de desigualdade racial do Brasil, decorrente de do processo histórico iniciado com a escravidão. Trata-se de uma análise do projeto fotográfico de André Porto Ancona Lopez, realizado a partir da metodologia *Imagine*.

Palavras-chave: Apalopez; desigualdade racial, fotografia amadora; metodologia *Imagine*; política brasileira 2019.

Abstract: Visual essay that questions recent political actions in front of the current social context of racial inequality in Brazil, derived from the historical process started with slavery. This is an analysis of André Porto Ancona Lopez's photographic project, based on the *Imagine* methodology.

Keywords: amateur photography; Apalopez; Brazilian politics 2019; *Imagine* methodology; racial inequality.

O projeto fotográfico "BIS 17: Um país desigual, cada vez mais desigual" utilizou-se da metodologia *Imagine*¹ para discutir e potencializar os conceitos do contexto social onde tais fotografias estão inseridas. Podemos analisar por essa metodologia, que a informação conceito, destacada pelo autor no projeto fotográfico é fruto de um contexto social no qual o autor vive, o Brasil. A sequência numérica, que não necessariamente representa uma sequência de atos, mas um direcionamento de olhar, que muitas vezes pode ser alterado, a depender do usuário, nos leva a notar que a disposição dos títulos fotográficos reflete o conceito a ser comunicado pelo autor em cada uma das imagens. A apresentação dos títulos exprime a ideia de representação de uma definição geral e abstrata em uma foto-conceito.

A sequência fotográfica² traz forte alusão às condições desiguais da sociedade brasileira, e no título do projeto a associação ao número destinado ao candidato

* Tecnólogo em Fotografia pela Universidade Estácio de Sá (Brasil)2006); repórter fotográfico registrado pela Federação Nacional dos Jornalistas e pela International Federation of Journalists. Fotógrafo e apoio à produção na Diretoria de Difusão Cultural, da Universidade de Brasília; Currículo: <http://lattes.cnpq.br/5177160460186372> ; e-mail: betomonteirofoto@gmail.com

¹ Metodologia em desenvolvimento pelo GPAF (Grupo de Pesquisa Acervos Fotográficos) que permite a discussão, ressignificação e internalização de conceitos por meio do uso de fotografias; para mais informações ver Saraiva (2017a) e (2017b).

² A reprodução das imagens aqui apresentada respeita a narrativa original dada pelo autor, por uma ordem numérica. A proposta dele foi que o observador seguisse a sequência e estabelecesse sua compreensão, primeiramente, através dos elementos visuais, com o aporte dos títulos (cf. Lopez, 2019). O texto explicativo do autor, foi reproduzido ao final, juntamente com os agradecimentos e notas explicativas.

eleito nas últimas eleições para presidente no Brasil. Um parlamentar com mais de vinte e seis anos como deputado federal e apenas dois projetos aprovados. Inacreditavelmente eleito com um discurso de demonização da esquerda corroborado pela grande mídia e com o apoio do envio de mensagens em massa por meio de redes sociais contendo informações falsas que enganaram muitos de seus eleitores. Assumidamente defensor de ditaduras e da tortura, racista, homofóbico, misógino, adverso às demarcações indígenas e quilombolas para dar lugar ao garimpo e à mineração, entreguista e lesa-pátria, o atual presidente e seu discurso de ódio representam o atraso e o retrocesso na busca da igualdade social e do que há de mais básico nas políticas de igualdade racial.

Podemos inferir que o nome “Bis” não está simplesmente relacionado aos bombons de chocolate ali representados pelo doce signo da mensagem, mas à conotação da constatação de que o país repete o mesmo erro de permitir que um pária — um representante dos interesses dos mais ricos da população —, de maneira cíclica, a cada vinte ou trinta anos, assuma o poder para governar privilegiando as classes mais abastadas em detrimento dos direitos sociais e das políticas públicas, que deveriam ser mantidas, ampliadas ou criadas e direcionadas aos mais pobres, estes sim, com urgência de cuidados e amparos do estado, o que geraria uma sociedade mais justa e equidistante na dignidade humana.

Na esteira de um contexto histórico de preconceito racial secular, *Bis-17* é um retrato da opressão legitimada pelas classes dominantes. O retrato da exclusão e do extermínio da população negra do nosso país que, ao contrário do que se pensa, não continua desigual, está cada vez mais desigual à percepção dos fatos e notícias que se tem conhecimento, Brasil afora. Brasil que assume a forma dos antigos navios que traziam amontoados nos porões os negros para serem escravos do outro lado do oceano atlântico, como se nunca tivessem desembarcado, apesar de atracado, do navio-país que ainda guarda seu preconceito nas profundezas da ignorância, mesmo possuindo mais da metade de sua população negra. Este é o *Brasão* em *Bis-17*, a representação da castigada posição social destinada aos que, literalmente, construíram o país, inicialmente escravizados, e posteriormente, subjugados em suas condições de trabalho, no acesso à educação e no direito ao lazer e à cultura.

Figura 1: *Brasão Negroiro*- Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 2: *Pirâmide Social*- Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 3: *Restaurante Brasil-* Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 4: *Hora do Rush-* Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 5: *Universidade Privada-* Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 6: *Universidade Pública-* Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 7: *Cotas-* Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 8: *Bunker do Planalto* - Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 9: *Dia do Fogo* - Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 10: *Distribuição de Renda - Apalopez, 2019.*



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 11: *Universidade Pública - Apalopez, 2019.*



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 12: Carlos Latuff - Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 13: Baile Funk - Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 14: *Fim de Festa* - Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 15: *IML de Paraisópolis* - Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 16: # *Ele Não* - Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Figura 17: *Esperança* - Apalopez, 2019.



Fonte: Lopez, 2019.

Quadro 1: *Texto explicativo da exposição.*

BIS 17: Um Brasil desigual, cada vez mais desigual

A desigualdade, sobretudo étnica, marca a história brasileira desde o início. Nos “Brasios” Negreiros, os negros, amontoados nos porões, foram esmagados para sustentar uma ordem branca, escravocrata, que se valeu de setores médios para ir mais alto, apoiando-se na cabeça dos que estavam debaixo. A economia, ao mesmo tempo extrativista e de monocultura canavieira, também explorou o trabalho com o cacau. Explorou, explorou de novo e continua explorando...

A desigualdade, oriunda desse modelo, nunca mais foi superada, estando muito presente na pirâmide social. Negros frequentam restaurantes da elite branca somente como serviçais. Amontoam-se em ônibus na hora do rush — uma possível reminiscência do tráfico negreiro, no tráfego urbano — enquanto, em carros, cada vez mais brancos, a elite “sofre” no engarrafamento, com ar condicionado e música ambiente. Aos setores médios, que se creem altos, é permitida a faculdade privada. Sempre com ensino de péssima qualidade, nenhuma pesquisa científica e vagas ociosas, dado o alto valor cobrado. A universidade pública ainda mantém a qualidade, porém está proibida, por questões conjunturais e históricas, aos descendentes da escravidão. A política de cotas, como uma gota no oceano, se esforçava para alterar esse estado de coisas.

Um dia, a sede da democracia tornou-se o domínio de uma única família (branca). Dessa fortaleza passaram a partir ordens — e os meios — para a transformação da floresta em cinzas, alimentando a sanha neoliberal. Sob o império do capitalismo financeiro, onde o próprio capital se converte em mercadoria, uma nova política de redistribuição de renda começou a ter lugar. As leis trabalhistas voltaram a instituir a chibata, ao inviabilizar aposentadorias dos setores de baixo. A polícia se tornou cada vez mais violenta e as mortes de negros pobres aumentaram. Cartunistas e artistas que ousaram questionar a política de extermínio da pobreza tiveram suas obras destruídas publicamente por parlamentares. Pobres e negros favelados que ousaram se divertir sábado à noite foram pisoteados e espancados até a morte por policiais, enquanto o governador, branco, fingiu que não tinha nada com isso.

A construção de uma sociedade melhor passa, inevitavelmente, por mandar para o ralo o atual governo fascista, junto com os privilégios brancos. A eliminação de um problema não representa, necessariamente, sua solução. A construção de uma nova ordem social, menos desigual, pede um caminho ainda não percorrido, e nem encontrado nos últimos séculos. Cabe às gerações atuais, sua construção, para que sempre exista a esperança de um país pleno e diverso, multiétnico e multicultural, iluminado pela flor da felicidade e da alegria.

André Porto Ancona Lopez, dez. 2019

Fonte: Lopez, 2019.

Quadro 2: *Agradecimentos da exposição.*

Agradecimentos

A Renata Peixoto, pela ideia inspiradora: <http://imaginepaf.blogspot.com/2014/09/01-2014-03-contexto-rp-03.html>

A Rinaldo Morelli, por me ensinar o que é um projeto em fotografia e pelas provocações (esclarecedoras) à primeira versão.

A Beto Monteiro, por me estimular a “colocar o bloco na rua”.

A Carlos Latuff, por obra incômoda ao poder: <https://www.youtube.com/watch?v=-TwzMGBn3Ow>

A Duda Bentes, pela análise provocativa e inspiradora da primeira versão.

A Fabíola Formícola, pela crítica profunda à primeira versão, identificando gaps comunicacionais, estimulando ajustes.

A Mariana Avramo, pelo acompanhamento da fase final do projeto.

Fonte: Lopez, 2019.

Quadro 3: *Esclarecimentos da exposição.*

Nota de esclarecimento

O uso deliberado do “Bis” não implica em nenhuma associação desta marca, ou de seu fabricante, a quaisquer interpretações políticas relacionadas à temática do projeto. É um daqueles produtos cuja marca acaba se tornando a própria designação, como, por exemplo: o Bombril, o/a Gillette, o Modess etc. A opção por uma linguagem fotográfica não-publicitária buscou valorizar a mensagem metafórica, em oposição à ênfase na marca.

Fonte: Lopez, 2019.

Referências

Lopez, A. (2019). BIS 17: *Um Brasil desigual, cada vez mais desigual* (exposição virtual). Recuperado de <https://bis-17.blogspot.com/>

Saraiva, N. (2017a). *IMAGINE: análise do ciclo da informação na representação de fotos-conceito* (dissertação de mestrado). Recuperado de [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24062/1/2017_Nat% c3% a1liadeLimaSaraiva.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/24062/1/2017_Nat%c3%a1liadeLimaSaraiva.pdf)

Saraiva, N. (2017b). "Imagine": fotografia como metodologia de ensino. *Revista Photo & Documento*, (4). Recuperado de <http://gpaf.info/photoarch/index.php?journal=phd&page=article&op=view&path%5B%5D=177&path%5B%5D=120>

Recebido: 10/dezembro/2019; aceito: 18/dezembro/2019